

TRANSFORMAR O FUTURO SEM ESQUECER O PASSADO

Maria de Fátima Marinho
Diretora da FLUP

António Lobo Antunes, quando escreve que «se não fossem os relógios não envelheceríamos nunca» (*Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?*, p.155), parece dar conta do fascínio que a ideia da permanência e da imutabilidade pode exercer no indivíduo, mesmo se, como muito bem recorda Eça de Queirós no conto *A Perfeição*, é o caráter efémero e a certeza da mudança que torna Penélope muito mais interessante do que a deusa, cristalizada numa eternidade tão apaziguadora quanto irritante.

Cinquenta anos volvidos depois do decreto que aprova a sua reabertura, a Faculdade de Letras situa-se no instável equilíbrio entre o aparente desejo de uma continuidade fictícia e a atração do desconhecido que recusa a paragem dos relógios e aposta no dinamismo e na coragem de ousar enfrentar uma realidade diferente, que não pode nem deve ignorar. Sem esquecer os saberes tradicionalmente a ela associados e que a tornaram numa escola de referência, a FLUP, legitimada por décadas de investigação de excelência e de ensino de qualidade, sente-se agora apta para enveredar por outros caminhos, abrindo-se à sociedade civil e investindo na certificação externa das suas competências.

Numa época de descredibilização de áreas aparentemente menos rentáveis, a FLUP soube e saberá afirmar-se, atraindo novos públicos, com a oferta de formações alternativas, voltadas para experiências em contextos reais de trabalho, aliadas a formações estruturantes da capacidade de pensar e refletir, indispensáveis para o acesso a lugares de chefia, mesmo se em universos supostamente mais afastados da sua tradicional esfera de influência.

A intervenção no tecido empresarial, na educação e/ou no meio artístico (seja ele o das artes plásticas, o da literatura ou o das artes performativas) deverá ser um objetivo prioritário. Domínios tão importantes como os das ciências da informação e da comunicação, da sociologia, da geografia e planeamento do território, da história, filosofia, arqueologia, história da arte, literatura, cultura ou linguística não podem temer um futuro hipoteticamente hostil. A cultura do lucro imediato só será realmente eficaz se assentar na cultura do saber, mediatizada pela conjugação inevitável do conhecimento do passado, da lucidez de análise do presente e da coragem de desafiar o futuro. Cabe-nos demonstrá-lo.

Os textos que se seguem, forçosamente diferentes, às vezes repetitivos, outras lacunares, incluindo a vivência de alguns dos mais antigos docentes e estudantes, não são um todo homogéneo e é em vão que tentaremos organizá-los de modo coerente. A par de evocações objetivas da génese das diversas áreas lecionadas na FLUP, encontramos textos que conjugam a faceta historicista com a marca pessoal de uma vivência única, que se perderá se não for recuperada em publicações deste género. Não quisemos repetir nove vezes a história de cada departamento ou área científica como não quisemos apresentar apenas recordações, depoimentos, testemunhos de quem por cá passou, continuou e continua. A disparidade

torna a publicação mais interessante, as ruturas, que as opções tomadas proporcionam, desafiam o leitor a construir o seu próprio texto, seja ele o da memória recuperada ou o da descoberta fascinante.

Assisti a todas as mudanças que transformaram os antigos cursos nos novos ciclos de estudo de 1º, 2º e 3º ciclos; assisti, em fevereiro de 1977, à mudança para o nº 1055 da R. do Campo Alegre, mudança caseira, tendo eu, jovem assistente, transportado tal como outros docentes, mesas, cadeiras e livros; assisti, em 1995, à mudança para o atual edifício; assisti à criação dos departamentos, que substituíram as antigas secções; assisti a mudanças radicais de organização universitária; assisti à importância crescente do espanhol, ombreando com o português e o francês, tradicionais matérias de ensino das antigas Românicas; assisti ao nascimento dos cursos de português língua estrangeira e ao impacto que hoje têm na Faculdade; mas assisti também ao nascimento de outras áreas, só recentemente desenvolvidas, e à transformação positiva que a FLUP tem tido nos últimos anos.

O presente volume não é só o produto de recordações ou a tentativa de registar a memória da instituição, é também a prova irrefutável da vitalidade de uma Faculdade que soube adaptar-se à mudança sem perder os saberes e as competências que lhe granjearam o prestígio que hoje tem. Não sou a docente mais antiga mas sou já uma das mais antigas e os 40 anos que passaram (parece que foi ontem!) ensinaram-me a acreditar nas potencialidades que temos e na capacidade de reinventar o futuro sem esquecer a experiência do passado e os desafios do presente.